



CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A EDUCAÇÃO COMO FORMA PARA CIDADE IDEAL NO LIVRO
A REPUBLICA DE PLATÃO.**

CICERO GIONÊS BERNARDO DA SILVA

SALVADOR - BA

2019

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA**

**A EDUCAÇÃO COMO FORMA PARA CIDADE IDEAL NO LIVRO
A REPUBLICA DE PLATÃO.**

CICERO GIONÊS BERNARDO DA SILVA

Orientador

Professor Dr. Giorgio Borghi

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Filosofia da Universidade
Católica do Salvador, como requisito
parcial para obtenção do grau de **Bacharel
em Filosofia.**

**Salvador - BA
2019**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
BACHARELADO EM FILOSOFIA**

CICERO GIONÊS BERNARDO DA SILVA

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Filosofia**.

APROVADO EM _____/_____/_____

Prof, Dr. Giorgio Borghi.
UCSAL
Orientador

Prof, Dr. Paulo Sergio Dantas Vasconcelos.
UCSAL

Prof, Me. Ricardo Souza Cruz.
UCSAL

**SALVADOR - BA
2019**

Dedico esta obra de modo especial e bastante particular, para minha sobrinha, Slanna Bernardo Soeira. Que chegou para mudar minha vida para melhor.

Dedico também aos irmãos que fazem parte da Família OFM Cap, ligados à Província Nossa Senhora da Piedade, presentes em terras da Bahia e Sergipe.

Bem como, dedico aos meus familiares, aos que estão próximo, aos que estão distantes e aqueles que já se encontram na morada celestial, intercedendo por nós que aqui caminhamos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, ao bondoso Deus, pelo dom da minha vida. Bem como as riquezas que o mesmo concebeu ao longo deste caminhar. Aos meus amados pais, que possibilitaram minha chegada ao mundo, fruto do amor existente entre os dois. Bem como o empenho que ambos desempenharam e desempenham no meu processo de instrução e valorização familiar. A minha irmã Gerlane Bernardo, mais que agradeço pela sua vida junto a minha e pelo dom e graça de conviver com pessoa rica de humanidade, sabedoria e fé. Minha sobrinha Slanna. Não tenho palavras para agradecer cada forma de carinho que recebi e recebo a cada encontro, tornando-os mais que especiais na caminhada da vida.

Não poderia deixar de agradecer a amada Arquidiocese de São Salvador da Bahia, Primaz do Brasil. Onde fui acolhido na formação diocesana nos anos de 2010 a 2012. Etapa esta que foi de muita importância na minha vida, contribuindo para uma maior formação espiritual e religiosa, bem como uma formação humana, social e intelectual.

Agradeço imensamente com o coração cheio de júbilo, a minha família, Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, pela acolhida e formação que desempenham em meu viver, bem como a paciência em muitos momentos da trajetória. Destaco aqui os irmãos que juntamente iniciamos a etapa formativa no ano 2015, São eles: Alisson Anderson, João Paulo, Moiseis Brito, Péricles Conceição, Ruan Rafael e William Lima. Como também aos formadores, Frei José Luís, Frei Pedro Cassimiro, Frei Roberto Fernandes, Frei Albervan Pinheiro (papito, como é carinhosamente chamado). De modo especial, agradeço aos confrades Henrique Araújo (Procepi), Jose Nivaldo (Proneb) e Walbério Feitosa (Procepi), pela convivência fraterna nas etapas de formação religiosa.

Quero agradecer de modo particular aos irmãos Frei Alan Santana (Um reflexo do sagrado nos tempos atuais), Frei Givaldo Rocha (exemplo de Humildade e sabedoria), Frei Idário dos Santos (Irmão), Frei José Jorge Rocha (Pessoa de grande importância e valia na minha caminhada), Frei Luan Vinhas (O conselheiro do dia-a-dia), Frei Rafael Fróes (exemplo de vida política), Frei Romário Pinto (Um irmão menor) e Frei Vandeí Santana (Um grande mestre do

conhecimento e humanidade, um ser que transborda inteligência). Obrigado pelas partilhas, palavras de conforto, incentivo e quebra de tensões nos momentos difíceis da caminhada, bem como, na elaboração deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer também, aos meus grandes párocos, Pe. André Alexandre dos Passos Filho (meu padrinho de crisma e conselheiro, um mais que amigo, um pai na fé). Pe. André Soeira, um mais que amigo, um irmão que a Igreja me presenteou na caminhada. Pe. José André, um irmão à moda antiga. Ao Pe. Josevaldo Carvalho, não tenho palavras para descrever a importância de sua pessoa em minha vida. Ao Pe. Damião Pereira, a amizade é longa e bem especial!

Agradeço também de igual modo, aos irmãos Pe. Anderson Milagres, Pe. Antônio Rebouças, Pe. Dvanildo Ribeiro, Pe. Márcio Augusto e Pe. Rosalvo Humildes, pelas partilhas de vida e convivências em toda a caminhada.

Aos meus confrades, Frei José Alves e Frei Tiago Mendonça, não só agradeço como lhes presto minha afeição pela convivência e irmandade além muros do convento, no decorrer de nossa caminhada.

Gratidão para com três pessoas que me acompanharam e acompanham até os tempos atuais. São elas, as minhas diretoras espirituais, Ir. Ivaneide Jardim (Missionária do Santíssimo Sacramento e Maria Imaculada), e a minha Mãezona espiritual, Ir. Sofia Gomes (Irmãs Franciscanas Imaculatinas). Muito obrigado pelas palavras de espiritualidade, os puxões de orelhas, aconselhamentos e orações. Agradeço de igual modo a minha madrinha, Maria da Conceição Cavalcante, pelas orações, exemplo de vida e fidelidade ao bom Deus, muito obrigado por vocês existirem no meu viver.

Aos amigos de ontem e de hoje, não poderia deixar de agradecer a vocês, Ir. Gleide Lucy (Pias Mestra Venerini), Ir. Jussiane Alves (Camilianas) e Ir. Maria Paula (Mercedárias Missionárias do Brasil). Ir. Márcia Cristina. Frei Jose Renielson e Frei Henrique Santos (Proneb).

Na caminhada, nem sempre precisamos estar do lado, para que possamos estar pertinho, então agradeço as minhas amigas e amigos, Daniela Almeida, Lorena Cerqueira, Lhuanny Santana, Maiane Oliveira, Máira Freitas, Mirela Mendes, Marcelo Conceição, Marcelo Soeira (meu cunhado) e Thiago Soeira (parça). Por todas as palavras de incentivos e pelas partilhas da vida.

Agradeço especialmente aquela que teve paciência em me ouvir, aconselhar e me ajudar no processo formativo, até os dias atuais, a psicóloga, Juliana Vieira. Pessoa de grande estima, valia e importância em minha caminhada.

Agradeço ainda os nobres professores do curso de Bacharelado de Filosofia, na Universidade Católica do Salvador, de modo especial, aqueles que estiveram juntos nesta pesquisa, são eles: Prof. Giorgio Borghi, Prof. José Sepúlveda, Prof. Paulo Vasconcelos, Prof. Ricardo Cruz e Prof. Valério Hillesheim.

Não poderia deixar de agradecer aos irmãos que comigo estão concluindo esta etapa de nossa formação. Gratidão para com eles, Ailton Santos, Erico Martins, Leandro Pereira, Lucas Sena, Luiz Henrique, Paulo Silva, Pedro Miquel, Rafael Tessitori. Agradeço também aos demais irmãos que ao longo do curso, estiveram juntos na busca do saber.

Ao Prof. Dr. Giorgio Borghi, segue aqui a minha gratidão pela paciência na orientação para elaboração deste nosso trabalho, e aos professores, Dr. Paulo Vasconcelos e Me. Ricardo Cruz, pela dedicação em avaliar esta pesquisa, gratidão mais que especial. Que Deus lhe retribua com bênçãos e conquistas, por todo bem feito na formação acadêmica.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de modo direto ou indireto, contribuíram para realização deste trabalho acadêmico. Sobretudo aqueles que no anonimato da vida, deixaram um pouco de si neste processo da minha formação.

“Faça o teu melhor, na condição que você tem, enquanto você não tem condições melhores, para fazer melhor ainda!”
(Mário Sergio Cortella)

RESUMO

SILVA, Cicero. **A educação como forma para cidade ideal, no livro A República de Platão**. 40 p. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Filosofia). Universidade Católica do Salvador, Salvador - BA, 2019.

Neste trabalho busco mostrar a educação como sendo o que vai permitir o desenvolver das virtudes em cada classe existente na cidade e na política. Para o pensamento platônico, é a educação que poderá fazer com que o cidadão tenha a capacidade de visualizar criticamente a si mesmo e o mundo. Estudamos a compreensão da educação para os gregos, fazendo um breve retrospecto histórico e buscando na educação como chegar à cidade ideal e ao homem perfeito. Neste nosso trabalho, buscamos como objetivo, mostrar a importância de pesquisar o pensamento platônico, no que diz respeito à política e educação, para formação do cidadão. Discorrido em três capítulos, trabalhamos o retorno à história, à figura do rei filósofo, as formas de educação e suas práticas através da ginástica, matemática, música, dialética, astronomia e outros. Tudo isso para mostrar que é preciso estudar a educação para melhor aplicabilidade na busca de uma cidade ideal. Que visa uma organização e vida plena para todos os cidadãos que nesta cidade possam habitar.

Palavras-chave: Educação. Cidadão. Formação. Filosofia.

ABSTRACT

SILVA, Cicero. **Education as a form for an ideal city in the book The Republic of Plato**. 40 p. 2019. Final Paper (Bachelor in Philosophy). Catholic University of Salvador, Salvador - BA, 2019.

In this paper I seek to show education as what will allow the development of virtues in each existing class in the city and in politics. For Platonic thinking, it is education that can give citizens the ability to critically visualize themselves and the world. We study the understanding of education for the Greeks, making a brief historical background and seeking in education how to reach the ideal city and the perfect man. In our work, we aim to show the importance of researching Platonic thinking, with regard to politics and education, for the formation of citizens. Discussed in three chapters, we work on the return to history, the figure of the philosopher king, the forms of education and their practices through gymnastics, mathematics, music, dialectics, astronomy and others. All this to show that it is necessary to study education for better applicability in the search for an ideal city. Aiming at a full organization and life for all citizens who can live in this city.

Key words: Education. Citizen. Formation. Philosophy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 COMPREENDENDO A EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DOS GREGOS.....	4
2.1 BREVE RETORNO À HISTÓRIA.....	5
2.2 A EDUCAÇÃO PARA CHEGAR À CIDADE IDEAL E HOMEM PERFEITO 7	
2.3 A FORMAÇÃO DO HOMEM PERFEITO PARA A CIDADE IDEAL.....	10
3 EDUCAÇÃO ÉTICA E POLÍTICA NA CIDADE IDEAL	13
3.1 O FILÓSOFO REI	15
3.2 A ALMA NA REPÚBLICA	19
3.3 UM OLHAR NA EDUCAÇÃO INTEGRAL E NA FORMAÇÃO DO HOMEM PARA O BEM.....	20
3.4 A JUSTIÇA E A FELICIDADE QUE DERIVA DA EDUCAÇÃO...	22
4 AS DIMENSÕES E MODALIDADES EDUCACIONAIS NA CIDADE	24
4.1 A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE SAÍDA DA CAVERNA.....	28
4.2 A EDUCAÇÃO PELA MÚSICA E GINÁSTICA.....	31
4.3 A EDUCAÇÃO PELA MATEMÁTICA E ASTRONOMIA.....	33
4.4 A EDUCAÇÃO PELA DIALÉTICA.....	36
5 CONCLUSÃO	38
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1 INTRODUÇÃO

Platão, cidadão ateniense, nasceu no ano de 428-7 a.C. e veio a falecer no ano de 348-7 a.C., tendo feito um transcorrer de sua vida na democracia ateniense e também no final do período helênico. Alimentou seu pensamento com uma dosagem de liberdade e também com o apogeu da política, embora seja notável que existia um clima de crises, impasses e dificuldades nas questões da educação.

Era filho do casal Ariston e Perictione, pertencente a uma família tradicional da cidade de Atenas, com forte ligação ao mundo da política. Com forte aceno político por parte da família (sobretudo a linhagem materna), Platão manifesta suas críticas à democracia de Atenas, pois o mesmo tinha um conhecimento eminente das maquinações e manobras políticas do seu tempo.

Destaca-se o acontecimento chave para sua vida na juventude, que foi justamente o encontro com seu mestre Sócrates, que Platão considera ser o mais sábio e mais justo dos homens. Tendo sido Sócrates condenado à morte, causa-lhe um profundo desencantamento com o regime político que se estava vivendo em Atenas.

Sabemos que Sócrates ensinava nas praças públicas e tinha, assim, o objetivo de levar os jovens da cidade de Atenas a terem o apreço de buscar a verdade, com seus métodos de questionamentos, suas reflexões e suas meditações espirituais. Como garantia da felicidade, Sócrates fazia a defesa de que a moral e o exercício da verdade eram os caminhos mais propícios para tal realização.

No decorrer dos tempos, Platão realiza, com base nos ensinamentos socráticos, a fundação da academia de Atenas e inicia aí a sua escola própria de investigação filosófico-científica. Isso se tornou um acontecimento de importância fundamental para a educação do ocidente.

No seu livro *A República*, Platão mostra a educação como o que poderá permitir o desenvolver das virtudes em cada classe existente na cidade, bem como na política. Tudo isso será com bases fundamentais aos exercícios de cada função e atribuição. Entretanto, o que ele apresenta como modelo para a cidade ideal só poderá de fato existir, se o governo da mesma cidade for confiado ao filósofo rei, visto que este tem o amor maior para com a sabedoria. Está cada vez mais sendo

amigo da verdade e busca cultivar a ética política e os princípios de educador, pois ele fora educado para conhecer valores inteligíveis, o universo do bem.

Para o pensamento platônico, somente a educação poderá fazer com que o cidadão tenha a capacidade de visualizar criticamente a si mesmo e o mundo, visto que, se for educado de verdade, poderá enxergar o mundo inteligível, o ideal, libertando-se das sombras e tudo quanto mais possa o enganar.

Neste trabalho, o objetivo é mostrar a relevância em se pesquisar e estudar o pensamento de Platão, principalmente na tangente que diz respeito à educação, com interesse político. Visto que, se temos uma cidade que não seja portadora da educação, jamais poderá socialmente estar a crescer. Intelectualmente ficará a desejar em muitos âmbitos e esferas que por ventura almeja alcançar. No cenário político e cultural, a mesma não terá condições de obter uma organização e nem tampouco uma plena vida de bem e organizada.

O presente trabalho baseia-se na dimensão da educação da República, ou seja, na obra principal do mestre da Academia, considerada a mais importante acerca da questão da educação e justiça. Segundo Platão, uma cidade só será feliz tendo a frente um educador que tem como princípio a busca da verdade, da justiça e do conhecimento do bem. É a educação que se encarrega de libertar o homem da cegueira do real e do mundo dos enganos. (TEIXEIRA, 1999, p.61)

Nosso trabalho está dividido em três capítulos, tendo no primeiro um olhar histórico, um retorno a uma tradição, um olhar na formação do cidadão, já dando os primeiros passos a respeito da educação, na busca de uma formação da cidade ideal e também do cidadão ideal para viver nesta mesma cidade. Com o aceno para a influência de Sócrates na vida do seu discípulo Platão. No segundo capítulo, buscamos mostrar a educação ética e política na cidade ideal, acenando a figura do filósofo rei. Damos um destaque para a alma na República, como também um valioso olhar para a educação integral com a formação do homem para o bem. Finalizamos o capítulo segundo com a reflexão a respeito da justiça e a felicidade, que é uma consequência da educação na formação do cidadão para a cidade ideal. Já no terceiro e último capítulo, trazemos, logo de início, as dimensões e modalidades educacionais contidas na cidade, bem como também é trazida a educação como sendo um valioso processo para a saída da caverna, o uso da ginástica e música como formas de fazer uma boa educação. Também mostramos a

educação através da matemática e astronomia e concluímos o capítulo falando da educação através da dialética.

Embora seja objeto de estudo a obra a República, neste trabalho foi dado foco, sobretudo, nos sete primeiros livros da referida obra. Isso por buscar mostrar o processo de crescimento do cidadão e também dando foco na sua saída da caverna, para o mundo inteligível, o mundo onde se possa contemplar o bem. Assim, entendemos que, nesta alegoria da caverna, é possível obter o entendimento da constituição da natureza humana com a educação e também de uma natureza privada ou desprovida da educação no seu processo de formação e vida.

Este estudo tem como objetivo levar aos leitores um pensamento a respeito da educação na República de Platão, para mostrar como se pode traçar uma educação justa e ética na formação do indivíduo, tendo em vista o bem da cidade na formação do cidadão. Procuramos a devida compreensão da educação para os gregos e a formação do indivíduo perfeito para a cidade ideal, com a análise/interpretação do rei filósofo, que é justamente a pessoa qualificada para governar essa cidade ideal.

A metodologia usada foi a metodologia de caráter bibliográfico, usando o método hermenêutico e assim buscando recolher fontes platônicas e interpretando também os comentadores que são referenciais no estudo de Platão. Fazemos um estudo do todo (A República), dividido em partes, para que seja possível chegar a um entendimento e compreensão da filosofia platônica.

2 COMPREENDENDO A EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DOS GREGOS

A filosofia é uma eterna pergunta de tudo e todos sobre o proceder das coisas, para assim poder ter em vista a finalidade última de cada coisa. É essencial que se tome consciência que, mesmo encontrando as possíveis respostas para as inquietações, sempre se tem novas inquietações a respeito das respostas dadas. Pois, filosofar é sempre ir em busca de novas descobertas.

Pode-se dizer que a educação é a forma ideal para se criar, e para que se possa manter uma organização do indivíduo para com a sociedade, de modo que esta seja ideal.

Na reflexão platônica, faz-se entender que um indivíduo sem educação dificilmente poderia viver em uma sociedade, visto que o mesmo findaria em querer viver suas vontades e seus desejos e aptidões de modo exclusivo para si, sendo que o mesmo não estaria apto a poder desfrutar do bem comum, pois não estaria havendo uma reciprocidade com a sociedade. Logo, pode-se entender que o indivíduo, que é formado na estrutura grego platônica, é um cidadão que está disponível ao entendimento do sistema de ensino e aprendizado, bem como está formando-se para viver em coletividade, na sociedade comum e ideal, a “*polis*.”

Assim, um indivíduo sem educação é um ser que não permite a possibilidade da existência de uma profunda e bem elaborada organização com os demais indivíduos na sociedade, bem como, não seria possível ter um objetivo em comum, passando apenas a se ter um objetivo egocêntrico e individualista. Estaria fugindo do ideal platônico, que é o de ser possível que cada um dos indivíduos, possa então cumprir com o seu papel para que a sociedade esteja a caminhar bem, com a justa igualdade para todos, e um equilíbrio em seu funcionamento. Pois tudo isso, estaria a garantir uma reciprocidade também da polis para com cada cidadão que habitasse nesta cidade.

Platão fala em educação quando fala de política e, quando fala em política, também está à falar de educação, pois nota-se que o mesmo visa uma justiça e política ideal para a sociedade. Seu modo de pensar e conduzir sua filosofia política é com o desejo de abertura das escolas para o aprendizado.

É preciso que se faça um retorno à história, mesmo que de modo breve. Isso para que se possa compreender melhor a maneira de pensar, agir e ser do ilustríssimo Platão.

É também de grande importância fazer recordar que, para um melhor entendimento, a respeito da concepção platônica acerca da educação, tem-se que levar em conta alguns fatores importantes na formação da fundação civilizadora grega. Isso, para que se possa estabelecer o momento em que Platão estava inserido, como também o plano educacional e político da época.

2.1 Breve retorno à história

Conhecendo a história filosófica grega, sabe-se que ela é dividida em três períodos, tendo o período pré-socrático como o primeiro. Logo, também, se entende e conhece que este período vem com o problema cosmológico. Entretanto, posterior ao período pré-socrático, teremos o dito período socrático, com a famosa questão metafísica. Porém, posterior a esses dois períodos bem distintos, vamos ter o chamado período pós-socrático com as questões de moralidade! Assim, esta produção irá contemplar o segundo período, que é justamente o tempo socrático, sobretudo tendo como base referencial o filósofo Platão. Pois com o seu modo de pensar, o mesmo busca a formação do homem, para que este seja perfeito e assim possa governar a cidade ideal, tornando-se assim uma cidade governada pelo rei filósofo.

Entretanto, se faz necessário que falemos um pouco do homem educador que fora Sócrates, aquele que tinha como um plano de educação as famosas praças. Porém, sua principal missão, é o querer levar a educação e conscientização para todos, sem distinção, numa grande e profunda busca da verdade, dentro de uma espiritualidade e um exercício contínuo de descobertas, aprendizados e inquietações. Como bem sabemos, era levado na atuação e busca de um exortar na prática do campo moral e também intelectual

Não é nenhuma novidade, também, que os gregos com seus pensamentos perpassam também à história com sua intelectualidade em muitas áreas. Pois, os seus conhecimentos foram edificados de uma maneira sólida e bastante sistematizada. Ao passo que se pode chegar até os tempos atuais, causando

desejos de retorno para o que podemos chamar de primórdios de uma profunda base intelectual humana. Isso é um grande saber filosófico. É um rebuscar da memória, é um redescobrir o caminho do aprendizado e do conhecimento natural, sem perder a qualidade. Antes, porém, buscando dar maior qualidade e consequentes sucessões para aquilo que se busca, na formação do homem!

Assim, é possível entender que, no pensamento platônico, além do pensamento político de chegar à cidade perfeita “ideal”, o mesmo pensa e pretende fazer com que o estado assuma essa educação da cidade, de modo bem especial e principalmente das crianças. Pois, o seu projeto, ou o seu ideal político, é um ideal educativo, um ideal com metas, com responsabilidades, com qualidade na formação, não somente do cidadão, e sim de todo o homem de bem, a começar desde a idade infantil até chegar à adulta. Pois, na sua visão política-educacional, é preciso formar e cuidar de todo aquele que possa contribuir para a cidade ideal, sendo este formado a ser também um formador nos tempos futuros!

Assim, conclui-se que é a educação um valioso caminho, bem como é também um remédio que pode curar os males sociais de uma cidade que tende a tornar-se a cidade ideal, cidade perfeita, guiada pela pessoa do filósofo rei, que é detentor do saber. Pois este fora instruído e está devidamente preparado para cuidar, governar e reger esta mesma cidade, com as suas obrigações, atribuições e responsabilidades. Sendo que cada cidadão, formado neste processo educacional, estará assumindo as suas responsabilidades, colocando as aptidões individuais na coletividade, para o bem comum, e bem estar social de todos.

Entretanto, não podemos nos esquecer de que:

A educação clássica do homem foi sistematizada por Homero, muito antes de Platão. Cabe citar ainda que o ideal da formação grega com a intenção de atingir a excelência humana está ligada com a prática da aretê (virtude) e pelo prestígio e honra adquiridos pela pólis. Aparece, em conjunto com a aretê, a figura do herói, tão presente na educação grega, capaz de dar a vida para defender a cidade, é a representação máxima da aretê. (TEIXEIRA, 2015, p. 14)

Mas, devemos ter em mente que a educação grega, ou quando se fala algo dela, está relacionada com a cidade de Atenas. Porém, vale lembrar que foram os espartanos, os primeiros a iniciar um ideal educativo e não Sócrates ou Platão, como comumente estamos acostumados a pensar.

Com isso, podemos concluir que o estado, assumindo a educação dos jovens, estes estariam aptos, ou seriam formados para estarem aptos, a cuidar da polis, pois foram eles que, tendo a educação em todas as camadas da política da grande cidade, buscaram ou foram instruídos a buscar se aperfeiçoarem cada vez mais, para governar, cuidar, e servir a grande cidade. Porém, não de um modo tipo efeito cascata decrescente, mas sim, de um modo bem crescente, com qualidades, com disposições, com metas e superações cotidianas.

2.2 A educação para chegar à cidade ideal e homem perfeito

Em sua obra *A República*, Platão traz ponderações, que poderemos dizer estar sendo assim explicitada sua maneira de idealizar o estado ideal, o “seu” estado ideal. Assim, o mesmo demonstra seu olhar bastante pedagógico, pois, segundo sua maneira de ver, viver é buscar a realização da cidade ideal. É dever do estado facilitar o acesso do homem sábio, na sua melhor e mais perfeita formação.

Porém, nesta mesma obra *A República*, Platão não somente retrata, como bem utiliza com bastante propriedades elementos educacionais, ou educativos, presentes em Esparta. É o que podemos entender como modelo de ensinamento militar, ou militarizado. Algo que de certo modo, inspirou a formação do povo grego. Vejamos o que nos diz Marrou:

Esparta na época arcaica, é um grande centro de cultura, acolhedora para com tudo o que pretenderá mais tarde repelir: ela é então aquilo que Atenas só se tornaria no século V - a metrópole da civilização helênica [...]. Nesta época arcaica a educação do jovem espartano, era já essencialmente, ou antes, continuará sendo uma educação precisamente militar, um aprendizado direto ou indireto do ofício das armas [...]. A educação do cidadão espartano não é mais a de ser um cavaleiro, (como no período Homérico), mas a de um soldado; insere-se numa atmosfera ‘política’, e não mais senhorial. (MARROU 1975, p.35)

Assim, compreende-se que, desta maneira, a criança, ao completar os sete anos de idade, sendo ela do sexo masculino, estava sendo requisitada e entregue ao estado para sua formação, porém este requisitar e pertencer ao estado seria até a sua morte. “Seu objetivo não será mais selecionar heróis, senão formar uma *polis* inteira de heróis” (TEIXEIRA, 2003, p.15). Também, sabemos que as mulheres participavam dessa atividade educacional, ou deste modelo de educação, porém

elas participavam apenas para um ganho corpóreo; isso, pois, era o que se esperava por parte delas, que, além de gerar novos filhos, fossem geradoras de homens fortes e futuros guerreiros.

Logo, já podemos entender que nesta etapa da escrita platônica, temos a compreensão, pois ele deixa claro sua humanização dentro da sua visão política. Ao passo que possamos entender que Platão é um político-humanista. Assim, ele pretendia fazer suas aplicações e seus projetos filosóficos-políticos, dentro dos preceitos cívicos da cidade, buscando maior garantia e qualidade para todos.

Entretanto, vale salientar que Platão não quer apenas simplesmente aplicar seus ideais políticos. Ele busca essa aplicação de uma maneira bem educativa, dentro do campo abrangente de toda uma política social e educacional em seu estado ideal, na formação do homem perfeito, para que o rei filósofo do amanhã, possa ser o governante desta cidade ideal.

É possível compreender, também, que Platão é aquele que traz o conceito de política e *paidéia*, trazendo assim relações na formação do cidadão, na sua vida ativamente política e na vida do estado, para com o cidadão. É através da *paidéia* que o homem pode alcançar o suficiente preparo para a ação consciente, nos moldes da virtude, o que é pressuposto básico para o estado ideal (PAVIANI, 2003)

A formação do homem grego é bastante vinculada com a noção de justiça, ao mesmo passo que é justamente tratada por Platão, como sendo a primeira forma para se chegar ao estado ideal. Logo, o homem justo terá o devido entendimento também na aplicação da justiça para com toda a sociedade ideal.

Posteriormente, se faz compreender sua forma, sua essência, sua devida função na vida do homem. Assim, tem-se o trajeto do maior e mais amplo que seja, para o homem. Com isso, podemos saber que é primeiramente do homem para com o estado, depois do estado voltando-se para com o homem. Jamais no ideal ou modelo de formação platônico, pode haver uma inversão desta ordem de formação. Segundo o mesmo, parte do estado a formação do indivíduo, para, posteriormente, este indivíduo buscar melhor formar o estado, com a formação dos demais cidadãos.

Assim, nota-se que a proposta ou plano educacional de Platão, é formar indivíduos. Porém, não simplesmente formar por si só simplesmente; é formar estes indivíduos para práticas do bem em seu convívio social. Com isso, se faz necessário um entendimento daquilo que o mesmo imaginava ou idealizava como a *cidade*

ideal, tendo em vista que é neste ideal que se constituem os verdadeiros cidadãos que serão residentes nesta mesma cidade. Para que estes possam posteriormente governar a cidade, por serem doutos tanto do conhecimento, como do saber e da inteligência no campo educacional político, bem como moral e cívico.

Sabemos que o pensamento político e o problema político desempenharam aquilo que podemos dizer “função relevante” na construção do ideal e pensamento Platônico. Ele era um cidadão pertencente a uma família aristocrata, obteve seus estudos aos 20 anos, ao manter seu contato com o seu grande mestre Sócrates. O jovem Platão não busca a filosofia para uma finalidade de sua própria vida, mas para que possa estar melhor preparado para uma verdadeira e profunda vida na esfera política.

Para Platão, a *polis* é “feita” pela ação humana comunitária, e não simplesmente por um simples existir ou fazer de contas, ou mera imaginação apenas. Tudo isso se deve precisamente ao contexto político em que o mesmo viveu, bem como a sua vida, sendo de uma família aristocrata, onde essa apresentava-se dentro do modelo político e também se fazia presente na vivência do sistema político, bem como também os destinos políticos da Grécia. Assim, inicia-se o que se pode entender e compreender como sendo a base política educacional, justa e moral da filosofia platônica.

Conforme escreve Teixeira:

A motivação filosófica-chave de Platão consiste em tentar reconstruir com novos pilares, a paideia grega, forçando a passagem de uma explicação predominantemente mítica da realidade para uma compreensão mais consistente dela, em que os fundamentos se encontram na Filosofia e não mais no mito. (TEIXEIRA, 2003, p. 25-26).

Porém, analisando assim esta sua formação, bem como a referida menção grega educacional, é indispensável o aprofundamento e compreensão do que temos como *paidéia*, para a civilização da Grécia.

Sabemos que o homem não é um ser que possui uma auto suficiência, visto que o mesmo tem as suas várias necessidades, podendo estas serem organizadas e preenchidas com a vida política que também deverá estar bem organizada, para que, seguindo esta sua organização, se tenha uma cidade também organizada e equilibrada politicamente e civilizadamente.

Para Platão, é justamente no estado que este homem, embora não seja auto suficiente, poderá se desenvolver plenamente. Pois, o que de fato ocorre é que este homem, dependente de algo para subsistir, chega a ter que buscar um auxílio dos demais homens que ali convivem na sociedade, em uma multiplicidade de tarefas. Assim, as suas atividades serão devidamente divididas (organizadas e disciplinadas), onde cada cidadão ocupar-se-á de uma tarefa. Logo, essa divisão, contribuirá para uma perfeita realização de todas as tarefas na sociedade, com as suas respectivas responsabilidades e seus ganhos comunitários na formação do homem perfeito, residente na cidade ideal.

Logo, segundo a maneira ou ideal Platônico de pensar a educação na formação do homem, é justamente com a distribuição das tarefas, visto que podemos entender que cada pessoa esteja ou estará em seu devido lugar, ao passo que ambos estejam nutrindo-se daquilo que lhes for necessário, e essencial para sua formação. Bem como os recursos essenciais e necessários, que também estejam disponíveis para que possam manter a sua vida saudável, ativa e de modo que também seja agradável, para que não se possa ter um perdurar de guerras e penúrias na cidade ou polis grega.

2.3 A formação do homem perfeito para a cidade ideal

Ao fazer o discurso da educação em *A República*, o filósofo Platão, como bem sabemos, vincula-o ao que entendemos como vida política. Assim, entendemos que ele esteja amalgamado com a educação e política mediante os seus escritos, bem como no seu contexto de formação.

Assim, compreende-se que o modelo de formação educacional de Platão, tem o objetivo de formar homens com disposições firmes para a prática do bem comum. Na sua concepção, que tem bastante influência na formação do homem no ocidente, encontramos uma fusão do pré-socrático com um pouco da tradição sofística, pois é o homem um ser de cultura. Portanto, isso faz do homem também um ser de educação que, por uma vasta consequência, lhe permite ser destinado a uma vida na política, ao passo que lhe acarretará em um carregar da herança do mestre Sócrates, com o interior da alma no homem.

Como bem sabemos, segundo a concepção platônica, existe o mundo enquanto espaço temporal. Também, existe o mundo das ideias, o mundo imaterial ou ideal. Porém, o homem é um mediador, pois ele está a uma espécie de meio caminho entre os dois mundos. Visto que é sua alma aquela que participa do que entendemos como mundo ideal, porém, o seu corpo participa do mundo espaço temporal.

Logo, compreendemos que: “O homem é um ser vivo mortal composto de um corpo e uma alma, solidariamente ajustado um ao outro” (PLATÃO, 1981, 246c: 68-69). Então podemos entender, conforme explicitado por Teixeira (2003, p.31), “o homem, não é somente um corpo, mas, sobretudo, é possuidor de uma alma inteligente” podendo ser visto como ser racional, ao mesmo tempo que é também, sensibilidade e emoção.

Podemos fazer uma célebre e intrigante pergunta: Que modelo então de homem Platão deseja formar? Qual sociedade o mesmo deseja construir? Logo, nota-se que, em Platão, está um desejo contínuo de buscar formar o melhor cidadão possível (o homem perfeito), para que este possa residir na sociedade perfeita: a polis ideal.

Podemos compreender que as características fundamentais para o ser humano vão ter condições ou são encontradas de modo particular no ambiente social. Portanto, estas vão ter pleno desenvolvimento no homem e na sociedade em que o mesmo esteja a residir. É no convívio da *polis* que o homem melhor irá se estruturar e melhor irá corresponder a demanda da mesma cidade. Pois a *polis* não é aqui entendida apenas como sendo simplesmente uma cidade qualquer, porém, ela aqui é vista e entendida como a cidade organizada e bem estruturada, aquela que é capaz de oferecer o que de melhor se tem na/para formação do cidadão que nela esteja a residir.

É justamente com a estrutura da *polis* grega que temos o entendimento e assim podemos fazer a devida compreensão do estado de hoje, pois é justamente com ela (*polis*) que aparece pela primeira vez a ideia de estado ideal.

A polis é o centro dominador a partir do qual se organiza historicamente o período mais importante da evolução grega. Só na polis se pode encontrar aquilo que abarca todas as esferas da vida espiritual e humana e determina de modo decisivo a forma de sua estrutura. No período primitivo da cultura grega, todos os ramos da atividade espiritual brotam diretamente da raiz unitária da vida em comunidade. A polis, é o marco social da história da cultura helênica” (JAEGER, 1994, p. 98-99)

Assim, compreendemos que a polis é justamente essa união de indivíduos que foram formados pela ação comum, de modo qualitativo, e não de maneira simplesmente somatória de individualidades isoladas. Visto que é a própria polis um ser individual, coletivo, com a devida finalidade de realizar o bem comum a todos.

Justamente por possuir um intercâmbio de ideias, culturas e desenvolvimentos, é que a polis vai se tornando uma espécie de catártica higiênica e purgativa que visa reunir. Pois ela contém a filosofia, bem como o amor a cultura, bem como tudo aquilo que possa culturalmente formar o indivíduo para possivelmente habitar nela mesma, com uma tomada de consciência, responsabilidade e ideais comunitários para o bem de todos. Tudo isto está dentro de um valioso processo e de uma auto-educação para com cada momento da vida nesta sociedade.

Como já menciona Reale, “a polis não era o horizonte relativo, mas sim o horizonte absoluto da vida do homem” (REALE, 1994: p. 239). Assim, no ideal de cultura da *paideia*, é manifesto um caráter bastante formativo, pois é na educação que está um emergir da cultura, da polis, visto que é o melhor que se busca para a formação do cidadão, que possa posteriormente residir e tornar-se governante da cidade ideal.

Reale nos afirma que “o homem grego, sempre esteve convencido (ao menos assim o era no tempo de Platão e Aristóteles), de que o Estado e a lei do Estado, constituíssem o paradigma de toda forma de vida, como bem o sabemos; o indivíduo era substancialmente, o cidadão, e o valor e a virtude do homem eram o valor e a virtude do cidadão” (REALE, 1994, 238-239)

Logo, podemos compreender que, em Platão, existe uma valiosa ligação entre a alma do homem e o estado. Fazendo assim do estado uma projeção ampliada e organizada da alma, e o que podemos chamar de cidade autêntica nada mais é do que a “cidade interna do homem”. Assim, podemos entender que esta cidade seja tudo que habita e reside fixamente dentro do homem. Contudo, vale afirmar que o estado que fora idealizado por Platão, é a imagem amplificada do homem perfeito: doutrinado e douto do saber e governabilidade, para consigo e toda a cidade ideal.

3 EDUCAÇÃO ÉTICA E POLÍTICA NA CIDADE IDEAL

Na obra *A república*, poderemos notar que o objetivo que tem Platão é o de buscar formar por primeiro uma cidade ideal, para assim poder formar o cidadão ou homem perfeito. Entretanto, neste longo diálogo, tem a idealização do que podemos chamar de modelo de educação, que visa uma concretização dessa tão sonhada *polis*. Para Platão, a educação é uma consideração essencial, e esta deve ser bem assegurada pelo estado para todos os indivíduos.

Dentro do estudo da filosofia platônica, notamos o grande interesse dele a respeito da moral, pois, neste amplo campo de escrita platônica, o mesmo tem um paralelismo estrito com o que também conhecemos como sua teoria da alma. Assim, percebe-se que se tem correspondência rigorosa entre a ética e as partes da psique humana.

Como bem sabemos, cada parte da alma tem que estar bem definida. Ou seja, é como se cada uma delas possuísse uma virtude particular, uma característica impressa, impregnada e indestrutível. Assim, notamos a alma concupiscível, pois esta requer moderação, ou aquilo que normalmente chamamos de temperança (*sophrosyne*). Assim, bem entendemos na sua colocação, que à alma irascível corresponde a coragem, ou *andria*. Logo, nota-se que é a alma racional aquela que tem de estar dotada de uma imensa prudência, ou aqui também chamada de sabedoria (de *phronesis*).

Temos ainda uma quarta virtude. Entretanto, como chegar a isso? Podemos entender as partes da alma como sendo elementos de uma unidade, assim estão numa constante relação entre si. Isso é uma boa relação, que lhes constitui de modo importante e mais profundo da alma, que é justamente a virtude suprema: a justiça (*dikaiosyne*).

Temos então as quatro partes, ou as quatro virtudes, ditas e passadas como virtudes fundamentais, tanto para o cristianismo, que as tem como prudência, temperança, justiça e fortaleza: são as chamadas virtudes cardeais.

Aliada a tudo isso, podemos notar que está interligada, entrelaçada, a moral. Isso no sentido individual. Mas ela é traduzida de uma maneira quase que exata também na aplicação teórica de uma constituição civil, conforme é exposta no diálogo *A república* e, posteriormente, na obra *As leis*.

Bem como a alma, a cidade tende a ser considerada em três partes, correspondentes à alma. Como bem sabemos, para Platão, a cidade é composta de três grandes classes sociais: o povo, que é composto de camponeses, artesãos e comerciantes, os soldados e os filósofos.

Existe entre essas classes o que podemos chamar de relação estreita, na faculdade da alma humana. Pois, a cada um destes grupos chamados de grupos sociais pertence uma das virtudes. Seja ela tida como a virtude de classe produtiva, possuindo assim a temperança de modo natural, seja a dos vigilantes ou os ditos guerreiros, que possuem a coragem como virtude fundamental. E a classe dos filósofos, não seria diferente, pois esta possui a virtude da sabedoria, a *phrónesis*, ou *sophia*. Mas, temos também neste momento a virtude da justiça como sendo a virtude fundamental, visto que, com mais rigor, possui a consistência do equilíbrio: relação dos indivíduos entre si, e uma relação com o estado, e do estado para com cada indivíduo, e sua classe social-política.

É justamente pela justiça que se rege o corpo político, bem como se determina o meio político que é a grande cidade. Pois o estado platônico é a polis grega. Assim, é possível entender que essa polis não deve ser ampla, de modo que o rei filósofo esteja a cuidar e governar de modo organizado e equilibrado.

Sabemos que os filósofos são os governantes encarregados das decisões e direções de suprema importância para a cidade, sejam elas no campo da educação, da política, e de toda a camada social da cidade. Bem como temos a função dos guerreiros (soldados), que é justamente a função militar: fazer a defesa do estado, manter a ordem, o equilíbrio e o bem estar social. É a garantia da política estabelecida, seja contra os inimigos de fora, como os de dentro do estado.

Já a terceira classe, que é a classe produtora, é justamente aquela que exerce ou tem o papel passivo, visto que ela está submetida às demais classes superiores. Assim, tem que as sustentar economicamente. Logo, em troca de tudo isso, receberá o direcionamento da educação em todos os âmbitos, e também receberá a sua defesa por parte dos soldados. Porém, nota-se que nesta cidade perfeita ou ideal, a lei tem os seus papéis meio que nulos. Pela justiça, cada ser que resida na cidade, em sua devida classe social, tem a garantia do respeito. Assim simplesmente os cidadãos estariam a cumprir seus deveres e obrigações e o estado reciprocamente estaria a desenvolver o governo em prol do bem estar comunitário

Sabemos que Platão faz estabelecer, nas ditas classes superiores, uma espécie de regime em comunidade, não simplesmente pelos bens, mas incluindo também mulheres e filhos, visto que, para ele, estes pertencem ao estado, não existindo uma propriedade familiar, ou o que entendemos por famílias privadas. Isso salvo na terceira classe. Para Platão, os dirigentes jamais podem ter interesses particulares, pois estes devem subordinar tudo ao serviço supremo da polis.

Notamos que, para ele, a educação deve ser gradual, pois é justamente ela a operadora na seleção de todo o cidadão, visto que a mesma também vai determinar a que classe cada um irá pertencer, mediante as suas aptidões, e também mediante os seus méritos. Pois é na aplicação do ensino, que se terá um discernimento vocacional, mediante o desenvolver de cada cidadão nas suas aptidões. Portanto, ter-se uma melhor e mais profunda preparação vocacional, melhor será a definição do papel de cada cidadão perante a sociedade.

Como bem sabemos, na modalidade de aplicação da educação platônica, tem-se uma alternância de exercícios físicos e de disciplina intelectual, ao passo que isso vai contribuir com a formação do cidadão e melhor descoberta das suas aptidões. Sendo que tudo está submetido ao interesse do estado, na busca de regular de maneira mais conveniente para a cidade e o bem de todos. Segundo a concepção platônica a respeito da polis, se nota que existe uma profunda subordinação, não do estado, porém do indivíduo para com o interesse da grande comunidade. A autoridade é exercida de modo bastante enérgico, para que se tenha a condição generalizada no progresso de uma maior vida política de toda cidade, pois, neste entendimento, deverá ser regida pela uso e aplicação da justiça.

3.1 O filósofo rei

Estudando a obra platônica *A República*, notamos que, durante toda a sua juventude, não de modo incomum, porém de modo bastante comum entre os demais jovens e cidadãos atenienses abastados na sua época e geração, Platão vem a cultivar uma fenomenal ideia de se preparar para a chamada vida pública e política, chegando a querer ocupar cargos de grande e valiosa importância no governo da cidade.

Com a condenação do seu mestre Sócrates, que fora seu grande referencial, tem-se um fato bem marcante na vida de Platão. Assim, o mesmo chega a uma profunda reflexão e uma busca de novas atitudes relacionadas à vida política. De modo que, um pouco cheio de decepção com a democracia de Atenas, o mesmo conclui que é pela luz da filosofia verdadeira que será possível conhecer o existir da justiça e da vida pública, tanto como da vida privada. Assim, para ele, somente os homens tidos como “rei-filósofos”, que eram vistos como os eternos amantes do saber, do estudo, da disciplina, doutrina e da verdade, seriam capazes de governar a cidade.

Contudo, eram estes amantes da verdade que estariam aptos e teriam as condições necessárias de atingir o mais alto grau de conhecimento, sobretudo no mundo das ideias. Pois, expõe Platão na obra *A República*, a concepção de um governo dentro de uma sociedade por ele idealizada, tendo tomado a cidade de Esparta como modelo para tal configuração, haja visto que nela se faziam presentes e existentes as classes sociais que eram divididas entre: os governantes, os guerreiros e todo o povo. Sendo que era este último “todo o povo” formado pelos escravos, os artesãos, os agricultores, comerciantes e demais profissões que produziam a riqueza daquela terra, bem como o sustento da sociedade em geral, porém, estes estariam excluídos de participarem da vida política da cidade.

Entretanto, em contrapartida, aos guerreiros eram negados quaisquer direitos em relação à vida privada, pois, desde a sua educação até a formação, tudo lhes era assegurado pelo Estado. Isso era uma maneira de os preparar para garantir melhor a segurança interna, bem como a externa de toda a cidade, sendo esta a sua única função - Proteger a sociedade como um todo.

Por fim, chegamos à classe dos governantes, que justamente é constituída pelos filósofos, aqueles que eram recrutados entre os militares com certa idade e conhecimento. Assim, estes são vistos como sendo detentores da verdade, do saber e da disciplina. Justo estes deveriam governar a cidade, pois estariam aptos a ditarem as leis que as demais pessoas na sociedade deveriam seguir, bem como estes estariam sendo responsáveis e aptos para realizar a devida fiscalização da vida de cada membro que estivesse na cidade, buscando sempre a melhoria de um todo.

Se fizermos uma comparação da sociedade com o corpo humano, é possível entender que o filósofo afirma que as pernas lhe são úteis para o sustento (ou seja, aqui são os trabalhadores), enquanto os braços servem para que se possa defender (chamamos de guerreiros) e o cérebro (os filósofos, doutores do saber e das disciplinas) servirá para o guiar.

Logo, entende-se que Platão faz uma localização dentro da psique humana, com três seções devidamente correspondentes na divisão do estado. Assim, entende-se que à razão caberá formular as leis e tudo quanto possa reger aos homens na sociedade, cabendo também à vontade de que se tenha a garantia que tais leis sejam executadas devidamente. Já relacionado às paixões, que, bem sabemos, devem cumprir aquilo que lhes fora determinado, é como dizer: as paixões são controladas pela razão.

No Mito da caverna, de modo significativo, entende-se que a massa ignorante pode matar aquele que passa a sair da escuridão e começa a enxergar o mundo, com mais clareza, que justamente a luz lhe permitiu e permite, isso tentando advertir aos demais, a respeito dessa sua ilusão. Pois, vale lembrar que, na política platônica, estariam excluídos da sociedade todos os artistas, os deficientes e incapazes de contribuir para o progresso da grande cidade ideal.

Podemos falar também de Platão e do governo ideal, tendo em vista que o mesmo entendia e colocava que nem sempre o mais votado é aquele apto e preparado para governar a polis.

Segundo a sua visão política, Platão entendia e via que era necessário que se criassem meios e métodos que pudessem impedir toda e qualquer forma de corrupção e incompetência, pois estas não deveriam tomar conta do poder público. Assim, é de principal importância que a justiça possa assumir a sua pedagogia política, na sucessão do filósofo rei: “É menor crime matar alguém involuntariamente do que enganar quem quer que seja, em matéria de legislação, a respeito do belo, do bom e do justo” (PLATÃO, 1993, p 231) - Com esse modo de pensar, Platão vai transcorrer um discurso de modo teórico, para que seja possível se firmar, dentro do contexto histórico, um imprescindível fazer política.

Discorrendo ainda no estudo platônico, podemos entender que, na sua obra *A República*, o mesmo coloca o estudo e aplicação da arte que é a política, porém, não deixemos de entender que é imprescindível que, para ele, são poucas as

pessoas possuidoras dessa arte nobre. Assim, justamente são poucos os que estão aptos, ou se encontram a caminho de estarem preparados, para governar a cidade ideal.

Platão coloca também que são os filósofos uma espécie de “sócios dos deuses”. Pois, assim, estes sabiam os métodos e procedimentos ideais para se fazer uma administração boa e adequada para aquela sociedade.

Sabemos que o rei filósofo tem um percurso extensivo na sua caminhada em busca do conhecimento, com doutrina, disciplina, e virtudes para que se possa chegar ao cargo máximo na cidade, que é governar a polis. Assim, dentro deste processo de aprendizado, a educação (paidéia) é vista de modo particular, no acesso da ciência. Porém, neste processo, o mesmo precisa necessariamente fazer renúncias, por entender e sentir que é necessária uma total dedicação e aplicação de si, nesta busca do conhecimento.

Visto como grande guerreiro, o filósofo rei, dentro da filosofia platônica, é um ser de elevado valor, pois é retirado do meio dos melhores, e não são todos os melhores, porém, ele é um dentro dos poucos selecionados, para que se possa instruir numa formação adequada, e futuramente venha a chefiar a cidade ideal. Com isso, é possível que tenhamos a consciência de que a filosofia é sim uma das tarefas bem rigorosas, com elevado potencial no conhecimento e domínio do governo da polis grega.

Platão dá maior importância à classe dos guerreiros, pois deles tudo depende. Essa classe, portanto, deverá receber educação especial e formação apropriada, tanto do corpo como da alma. Os melhores dentre esses é que justamente serão preparados para assumir o governo da cidade: os filósofos. (TEIXEIRA, 1999, p.42)

Nota-se que o filósofo, dentro da sua formação, passa pelo rigoroso processo de aprendizado, fazendo um exigir de reflexões bem mais aprofundadas, com uma determinação elevada, chegando até mesmo ao silêncio e ao isolamento para com parte das demais pessoas em sociedade.

Justamente por percorrer esse deserto da vida, na busca pelo conhecimento nato, sensato e fiel, o mesmo estará posteriormente fazendo sua melhor doação quando estiver a frente da cidade, governando-a para o bem comum.

Nota-se neste processo de busca pela filosofia, que este seu ficar só, não é simplesmente se isolar sem propósito. Sendo que o mesmo busca esse isolar-se

para que melhor se possa doutrinar e mudar a maneira de melhor percorrer o caminho exigido, com fidelidade e coerência do seu querer. É o ato de se forçar ao máximo na busca do melhor de si para toda a sociedade da polis. O rei filósofo faz da sua caminhada, até chegar a chefiar a cidade, um trilhar de profundo exílio, onde poucos são aptos a percorrer tal caminho, até chegar ao topo da governabilidade da cidade.

Estaríamos nos enganando se caíssemos no achismo de que viver com a filosofia é um processo de espírito proveitoso, ou ilustre com educação, recheado de emoções. Visto que é o contrário de tudo isso. Pois, ela vai exigir um espírito exemplar, uma solidão bastante profunda, ligada a um rigoroso processo de fidelidade. Com isso, está se fazendo da filosofia um extensivo exercício (atividade) não fácil. Porém, mesmo sendo difícil, ela não é impossível para aqueles que buscam se doutrinar e se fortificam a cada passo em busca da obtenção do conhecimento e maturidade. Este exercício não é para todos, mas sim, para poucos, os guerreiros selecionados e aptos para o cargo de chefiar a polis.

Neste processo de formação, a apreciação do estudo da matemática é visto por Platão como um estudo essencial por sua disciplina e didática profunda. Visto que ela cria ou faz com que se possa ter um espírito de aquisição da memória, em um processo de condução do ser, na busca espontânea maior do intelecto, uma profunda busca do conhecimento e da razão.

3.2 A alma na república

Em sua obra A República, Platão, além de fazer uma apresentação política, faz um inclinar-se da alma. Isto é: em A República se nota que Platão, além de estar apresentando uma concepção e ideal político, o mesmo encontra-se inclinado sobre a questão da alma, pois ele busca fazer a relação da alma com o estado, tendo a imagem mais amplificada do homem. É uma forma que Platão usa como sendo uma lupa de ampliação, para melhor se enxergar aquilo que se é estudado.

Platão faz três atribuições presentes na grande cidade (pólis), que são as classes dos artesãos, dos guerreiros, e também as dos guardiões. De modo semelhante ele faz a colocação de que na alma, estão presentes as três partes,

concupiscível, irascível e racional. “Ora após atravessarmos a nado, com grande custo, este mar de dificuldades, e concordamos perfeitamente que há na cidade e na alma de cada indivíduo, as mesmas partes e em número igual”. (PLATÃO, 1993 p.235)

Deste modo, podemos notar que a sabedoria do indivíduo constitui e deve se constituir naquilo que é conforme a cidade, que é portadora de coragem e demais virtudes possíveis. Assim, entendemos que, para Platão, o homem justo seja aquele que é de acordo com a cidade que também é justa.

Cada ser presente na cidade deverá exercer bem o seu papel, a sua tarefa, tendo o entendimento de que é o seu dever perante a melhoria e garantia da justa cidade, para que seja possível, assim, a justiça individual e de modo que essa individualidade seja colocada em conjunto à cidade virtuosa, habitada por cidadãos virtuosos e convictos de que, dando o melhor de si, estarão fazendo melhor ainda a cidade que lhes retribuirá o bem cada vez melhor. “Devemos recordar-nos que também cada um de nós, no qual cada uma das suas partes desempenha a sua tarefa, será justo e executará o que lhe cumpre”, (PLATÃO, 2006, p. 168).

Assim, é possível entender que a justiça é estabelecida em cada indivíduo, quando cada parte dele está disposta e se propõe a exercer aquilo que lhe é proposto. De forma semelhante que na cidade, cada parte executa aquilo que lhe é devido. Assim, encontra-se o chegar da justiça. Contudo é essencial e necessário que cada parte, concupiscente e irracional, permita se submeter à parte racional. Assim vai ser possível claramente entender que a virtude é uma espécie de saúde, bem estar da alma, e também de grande beleza, para o ser e para a sociedade mais justa.

3.3 Um olhar na educação integral e na formação do homem para o bem

Fazer reflexão sobre educação é adentrar por um caminho bastante subjetivo, é caminhar na busca de respostas, e deparar-se com muitas delas incertas. Dentro

deste caminhar, encontramos respostas com as suas devidas referências imensas na sua historicidade. Logo, mediante esse estudo, é pertinente buscar entender e fazer estudo da proposta educacional do filósofo Platão. Pertencente a uma época bastante distante de nós, as suas ideias se tornaram fatores essenciais para uma construção do conceito educacional integral, ocupando até mesmo um eloquente patamar nos tempos atuais.

Faz-se necessário lembrar que, no período em que Platão viveu, não tínhamos a Grécia conforme a conhecemos nos tempos atuais. Isso por conta do molde cultural e também político que se estruturava não em estados, mas em cidades. Assim, cada uma destas cidades tinha os seus governos próprios, bem como sua independência política e econômica.

Já no período que fora anterior a Platão, sabemos que a hegemonia de uma região, era um recair na cidade-estado de Atenas, que tinha justamente o modelo de democracia como a política ideal, pois estava centrado na demanda de governo da maioria. Logo, entende-se que todo o contexto tinha uma marcação bastante cultural, com um destaque para o progresso no campo do conhecimento e intelectualidade. Porém, na época em que Platão viveu, teve um período bastante marcado pelas disputas e guerras, envolvendo as cidades estados. Sobretudo o imperialismo ateniense. Posteriormente, após anos de luta, Atenas foi derrotada por Esparta, tendo assim o seu abalo democrático político, com a chegada da oligarquia dos tiranos. Contudo, inicia-se um período complicado para a cidade estado.

Para Platão, a democracia ateniense era permeada pelo excesso de liberdade e imprudência dos governantes, motivos de origem da tirania. Isso fez com que ele perdesse a confiança no sistema político de seu tempo, e concebesse uma ideia de educação vinculada à política, com fins de produzir cidadãos comprometidos com a coletividade (LORENZON; JORGE, 2011, p. 9)

Sabemos que a educação ateniense era influenciada pelos sofistas. Estes buscavam formar os governantes da cidade ou aqueles que poderiam ser os futuros governantes. Porém, eles faziam o uso da oratória, uso este que deveria ser bastante convincente, tendo a finalidade de enaltecer a posição social e política, sem uma visão de educação para o povo. Também não se tinha um olhar pela ética na formação dos futuros governantes e não se fazia com que eles pudessem ter uma pertença profunda ao estado e toda a coletividade que nela habitasse.

Nessa realidade, Platão dá a concepção da sua obra, com a clareza de um vínculo entre educação e política, tendo também uma visão para a formação do governante por completo, e não apenas em uma determinada área específica. Porém, ele era para ser formado por completo, pois era aquele que possuía as virtudes da sapiência, da fortaleza, da temperança e da justiça. Porém, estas estariam a desenvolver-se com uma educação lenta, sobretudo no âmbito moral, ético, físico e bastante intelectual.

A educação seria um bem do estado, portanto, aqueles que por ela fossem beneficiados, deveriam voltar ao bem comum. Logo, entende-se que a função de governante deveria ser exercida por quem de fato tivera se preparado nos estudos e demais exercícios para ocupar tal encargo, não sendo um papel simples e que fosse exercido por um preparo de determinada área do saber.

Entende-se que na concepção da educação e política de Platão, o bem comum está acima de qualquer interesse individual. Portanto, deveriam se preparar os governantes que iriam conduzir os assuntos públicos, fazendo uso da educação.

Platão mostrava, nos seus debates, um valioso apreço para com os jovens, sobretudo no seu período formativo, visto que, neste período, era possível um infundir mais eficaz das orientações para toda vida, garantindo assim um maior benefício para todo o estado. Pois o próprio Platão, como bom filósofo e profundo conhecedor da alma, aponta a necessidade de fiscalizar os poetas, artistas, sobretudo se suas criações trouxessem uma marca do vício, ou da intemperança, vileza ou indecência. Pois, para ele, aqueles que estivessem inconformados com tais resoluções que eram convenientes à moral da sociedade, deveriam estar proibidos de exercer função artística, isso para que não fosse possível corromper o bom gosto e costumes sociais, que estariam a atingir a juventude pertencente à escola da vida.

3.4 A justiça e a felicidade que deriva da educação

Na filosofia de Platão, notamos que se segue uma orientação ética, pois ensina de modo particular que os homens possam desprezar as riquezas, prazeres e quaisquer honra. Assim, entende-se que a finalidade do homem, para Platão, é um transcender a sua realidade. Isso consiste em uma busca e profunda procura pelo

bem superior. Assim, o homem feliz é o justo, que está na cidade perfeita e, justamente somente residindo na cidade perfeita, é que este homem poderá atingir o seu bem maior.

É possível entender que em Platão, o conceito de felicidade e justiça caminha junto. Assim, podemos definir que a felicidade é seguir a natureza própria de cada ser e, neste paralelo traçado entre os dois conceitos, é possível notar a configuração de uma cidade bastante utópica em *A República*.

Uma grande problemática platônica é iniciada em *A República*, justamente sobre a justiça, quando Sócrates (o personagem principal) busca na sua fala uma definição para justiça ou justo. Entendendo que a melhor conclusão é a vida do homem justo e, para isto, no referido diálogo, Glauco conta a famosa lenda do anel de Gíges.

A República platônica, busca a forma ideal de que o governo seja feito por aqueles mais inteligentes, os filósofos. Com isso, podemos dizer que ela busca um governo de sofocracia, tendo a justiça como base para todas as virtudes, pois todo sábio é virtuoso, assim, entende-se que o homem virtuoso é um homem justo. A alma humana possui três virtudes, que são a temperança, a coragem e a sabedoria. Porém, segundo o pensamento platônico, é a justiça a base de todas as três virtudes, pois, assim vão se constituir três almas, apetitivas, irascível e racional, pois tudo isso vai culminar na melhor distribuição de todas as atividades na alma mediante a razão.

Dar a cada um aquilo que lhe é próprio vai assumir uma postura central na República de Platão. Pois, é justamente baseado nesta teoria que se terá o que podemos chamar de sistema educacional, que tem a finalidade de permitir a cada um seguir segundo as suas aptidões. Sendo aqueles mais grosseiros dedicados a agricultura e produção dos artesanatos ou comércio. Os corajosos vão cuidar da guarda da cidade, pois estes são os guerreiros. Já aqueles que estudam, vão buscar a filosofia, a disciplina que lhes eleva a alma; com isso, estes poderão administrar a cidade, por estarem sendo possuidores do conhecimento mais puro.

4 AS DIMENSÕES E MODALIDADES EDUCACIONAIS NA CIDADE

Entendemos que, na República, Platão busca desenhar o seu estado ideal. O mesmo faz a definição do sistema de educação que manterá o devido estado, pois faz a sua apresentação das ideias a respeito da educação, os valores da poesia, música, e também a utilização das ciências, da filosofia e dos filósofos, na construção do método de ensino e aprendizagem na grande cidade.

Certo que Platão inicia por fazer uma defesa sólida da formação básica que vai evoluir conforme os elevados estudos filosóficos, porém, nesta elevação é prioritariamente destacado que somente os indivíduos portadores de doutrina, disciplina e outras qualidades poderão chegar à filosofia, o conhecimento do saber.

Percebamos que, para ser possível chegar a este nível da educação, se faz necessário que o indivíduo passe por primeiro na formação básica, ou preparatória. Esta tem por função primordial possibilitar o desenvolver harmonioso do corpo e do espírito do jovem aprendiz, preparando-o para as etapas futuras da aprendizagem.

Na visão e colocação platônica, a cidade de Atenas estava negligenciando a educação para a juventude, isso por conta de um desinteresse, que chegava a deixar a educação em mãos particulares. Porém, seu pensamento é de que o estado deveria de fato preocupar-se com os futuros cidadãos.

Segundo sua maneira de pensar, a educação deveria tornar-se pública, com a escolha dos mestres sendo feita pela cidade, tendo o seu controle realizado pelos magistrados especiais. Assim defendia Platão, por entender ainda que a educação deveria ser para moças e rapazes, porém, isso somente até o sexto ano, pois a partir desta idade, deveriam se ter os mestres e as classes diferentes para a formação de cada indivíduo.

Para Platão, a educação deveria chegar aos cinquenta anos, isso por conta de que dos 3 anos, as crianças estariam a participar de jogos educativos, sob uma forte e alta vigilância. Porém, conforme era para todos os gregos, a educação propriamente dita era possível, segundo sua forma de pensar, somente a partir dos 7 anos.

Podemos também entender que Platão faz a colocação do ciclo dos 10 aos 13 anos, sendo a idade onde a criança estaria no devido direito de aprender a leitura e escrita, sobretudo com o estudo dos clássicos, de modo integral ou antológico (isto

é, a partir de trechos escolhidos), sendo que Platão também realiza uma defesa dos estudos em estilo prosa, não somente os poetas, conforme costume da época.

Bastante crítico do ensino dos poetas, tais como Homero, visto que, na sua concepção, os mitos estariam a perverter o pensamento da criança, sem que lhe fosse possível ensinar de fato as virtudes necessárias e essenciais para trilhar um caminho em busca do saber e da melhor formação para seu viver. Pois, segundo seu modo de pensar e buscar o sistema de ensino, tais obras de poetas, como Homero e Hesíodo, estariam a dar uma maliciosa ideia das divindades.

No período dos 13 aos 16 anos, Platão dá um destaque para a música, pois, segundo o seu pensamento, é pela música que a pessoa, desde sua mocidade, vai se deixar desabrochar no seu desenvolvimento. Isso por estar em uma satisfação pelo belo, criando também, uma repulsa àquilo que é feio.

Com o uso da música na forma de educação, nota-se que existe um harmonizar da alma. Pois, segundo Platão, esta não estaria abrangendo apenas aquilo que tem referência ao som ou ritmo apenas, porém, sim à palavra dita como de fato é, fazendo assim o primeiro papel da música.

Platão destaca também o uso do estudo da matemática, porém este é, de modo especial, reservado para o grau superior do ensino. Assim mesmo, no pensamento platônico, a matemática deveria ocupar seu lugar em todos os níveis do ensino, desde o elementar, sendo que o mesmo estaria a aprofundar-se após a idade dos 16 anos, e estaria se prolongando com os estudos superiores.

Essa inovação, trazida por Platão, é provável que tenha suas inspirações nas práticas egípcias, a que ele teve acesso. Porém, há um acréscimo na aritmética, tendo o estudo dos problemas de negócios e cálculos, pois, no entendimento do mesmo, tudo isso já estava possuindo virtudes formadoras, pois o seu objetivo era uma maior aplicabilidade tanto da matemática, como bem em uma vida de prática, o militarismo, o comércio e navegação. Era isto uma ciência nova e de grande importância, defendida por Platão.

4.1 A educação como processo de saída da caverna.

O mito da caverna ou, como alguns chamam, a alegoria da caverna, é um escrito que se encontra no livro A República. É um texto bastante conhecido pela história da filosofia e tem-se tornado frequente seu estudo por autores das mais

variadas áreas do conhecimento humano. Então, poderemos entender que o mito ou alegoria da caverna torna-se uma metáfora bastante poderosa da variante entre ignorância (escuridão) e iluminação (sabedoria), sobretudo na condição da humanidade e do seu processo do conhecer e chegar à luz da sabedoria.

Fazendo destaque especial agora ao livro VII de A República, nota-se que há um ilustrar o que podemos entender e chamar de mundo (teoria) das ideias, sobretudo na dialética. Platão faz uso de três mitos para fundamentar e destacar a sua tese sobre a ideia de polis grega, com um ordenamento bastante essencial em uma medida justa e dosada de moral, valendo-se dos mitos do sol, da linha e da caverna.

Deste modo, buscando explicar o mito da caverna, é compreensível que este é de fundamental importância na educação do indivíduo. Assim, é de compreender que Platão busca notar o que por ventura seria de uma humanidade sem este bem que é a intelectualidade e educação na vida do ser humano.

Platão, em alguns momentos nos deixa a refletir como que ele seja meio paradoxal, visto que, no mesmo tempo em que refuta a mitologia, também se serve da própria mitologia, para explicar melhor aquilo que é bom e para que se possa obter um libertar das cegueiras humanas, que acabam aprisionando o sensível do ser.

Podemos dizer que mito é uma história concebida como verdadeira. Porém, para Platão, temos o mito como uma nova forma, assumindo um sentido de metáfora/alegoria. Assim, Platão dá ao mito uma nova roupagem, uma identidade nova, fazendo-se assim não simplesmente um retorno ao campo da mitologia, porém, um rebuscar reflexivo.

É possível que, ao estar interpretando Platão, se tenha uma nova definição de mito. Isto nos levará a um novo conhecer, isto é: este conhecimento dá-se valor por conta da verdade, conforme nos fala Abbagnano:

Na antiguidade clássica, o mito é considerado um produto inferior ou deformado da atividade intelectual. A ele era atribuído, no máximo “verossimilhança”, enquanto a “verdade” pertencia aos produtos genuínos do intelecto. (...) Platão contrapõe o mito à verdade ou a narrativa verdadeira, mas ao mesmo tempo atribui-lhe verossimilhança, o que, em certos campos, é a única validade a quem o discurso humano pode aspirar, e em outros, expressa o que de melhor e mais verdadeiro se pode encontrar. Também para Platão o mito constitui a “via humana mais curta” para a persuasão; em conjunto, seu domínio é representado pela zona que fica além do círculo

estreito do pensamento racional, na qual só é lícito aventurar-se com suposições verossímeis. (ABBAGNANO, 2000, p. 637)

Logo, segundo a ótica platônica, o mito, quando esclarecido, assume outra dimensão de verdade. Assim, este desviar-se é colocado mediante o logos, para que o homem possa ter uma ajuda na busca ou no que podemos entender como dar conta da verdade. Isso, pois, segundo também nos fala Teixeira, “O logos que não se dá conta de suas raízes mitológicas, a rigor não merece ainda o título de logos, porque não conhece a si mesmo, e, portanto, continua reproduzindo inconscientemente a mitologia nele contida”. (TEIXEIRA, 2006, p. 62)

Desprezar um mito, não é uma maneira de buscar um saber, mas é um permanecer no erro, sem de fato buscar dar um salto qualitativo e quantitativo na busca do saber, do conhecer e da imutabilidade do crescimento. Pois, segundo Teixeira, “O objeto do mito é tratar a respeito da possibilidade de o homem conhecer as coisas na sua transparência e, portanto da possibilidade de se chegar à verdade”. (Ibidem)

No tocante ao livro VII da *República* de Platão é importante uma interpretação do mito. Imaginemos que homens estão vivendo num lugar bastante escuro e subterrâneo, que tem o seu abrir-se para a luz através de uma simples galeria. Pois bem, estes homens que habitam a caverna estão ali desde sua infância acorrentados. Sendo que estes homens não podem olhar para frente, apenas olham ao fundo da caverna. Em um contínuo estar de costas para a saída (luz), cada vez mais distante de onde vem essa luz.

Assim, podemos entender que estes homens que ali se encontram com suas mentes presas, estão também aturdidos e sem a devida capacidade de uma ampla visão aos novos horizontes do mundo sensível e inteligível. Estão com suas mentes poluídas, isso por uma falta de auto liberdade, ou podemos também dizer que estão em uma não consciência, fantasiados apenas pelas aparências e corrupções que afloram nos seus sentidos.

Logo, poderemos entender e afirmar que estes homens são homens que não tem perspectiva alguma de um aspirar felicidade, nem tampouco eles podem ser agentes de transformação no âmbito social, muito menos podem tornar-se responsáveis pelos seus devidos destinos em uma dinâmica de uma profunda

caminhada humana. São eles vitimados por certo vício e paixão, bem como as amarras condicionadas do meio social. Contudo, o próprio Platão nos fala:

-Observa, então, ao comprido desse murozinho homens a carregar toda a sorte de utensílios que ultrapassam a altura do muro, e também estátuas e figuras de animais, de pedra ou de madeira, bem como objetos da mais variada espécie. Como é natural, desses carregadores uns conversam e outros se mantêm calados (...)

-Parecem-se conosco, respondi. Para começar, achas mesmo que, em semelhante situação, poderiam ver deles próprios e dos vizinhos alguma coisa além da sombra projetada pelo fogo, na parede da caverna que lhes fica em frente? (...)

-E com relação aos objetos transportados, não acontecerá a mesma coisa? Como não? (PLATÃO, 2000, p. 320).

Assim, é possível entender que Platão deixa bastante claro que neste estado de desumanidade e profunda cegueira condenatória, ainda existem no íntimo de cada um destes homens muitos obstáculos, tais como a ignorância, seja ela no âmbito social, bem como político. E também é profundo um medo de mudança, ou uma incapacidade de se fazer relação de cooperação com os demais, fazendo-se assim de uma profunda aceitação da alienação na caverna a sua forma de vida ideal. Nesta profunda ausência de educação e neste ambiente sombrio, impera uma profunda falta de luz e razão, passando a serem dominados pela desordem e escravidão da moral e intelectualidade humana nos seres que por ali habitam.

4.2 A educação pela musica e ginastica

Na antiga Grécia, a educação estava constituída pelo que podemos chamar de duas partes, que eram elas: a ginástica (gymnastiké), que estava voltada para o corpo e a música (mousiké), que estava para a alma. Porém, em relação a ginástica, Platão faz uma recriminação à função dada de competição que lhe é atribuída ao longo dos tempos. Pois, mediante sua maneira de pensar, esta deveria fazer um regresso à sua maneira original. Isso seria um incidir expressivamente em um caráter militar, sobretudo na prática dos exercícios. Tais movimentos, desempenhados por rapazes ou moças, estavam ligados a um preparo para o combate. Lembrando que no seu programa educacional através de jogos, estava incluído a prática de lutas, corrida a pé, os combates de esgrima, bem como

combates de infantaria leve e pesada, arremessos de flechas, marchas, manobras táticas e práticas de acampamentos e caças.

Nesta preparação militarizada, tudo deveria ocorrer nos campos (estádios) públicos e nos ginásios, porém tudo deveria ser bastante detalhado e monitorado por profissionais que teriam seus honorários e a manutenção de toda formação educacional paga e gerida pelo estado, conforme o pensamento platônico.

A ginástica seria num nível bastante elementar, e daria continuidade até mesmo na idade adulta. Visto que tinha por finalidade, não o alcance de uma força física de atleta, estaria contribuindo na formação do caráter e também de toda personalidade do indivíduo. Pois, segundo o pensamento Platônico, os homens que estavam a dedicar-se com exclusividade para com a ginástica, estariam por se tornar insensíveis e, assim, estariam distantes da cultura, ficando bem selvagens.

Entretanto, ainda na relação com a ginástica, vale ressaltar que Platão faz a inclusão dela como um profundo domínio higiênico, bem como do regime de vida, sobretudo na tangente ao regime alimentar, que era um vasto assunto tratado pela dita literatura médica do tempo em questão.

Platão acrescenta ainda a dança dentro da ginástica, pois o mesmo insistia que, na sua prática e ensino, era justamente considerável como um processo ou meio disciplinar na espontaneidade dos jovens, que justamente estaria a contribuir para uma disciplina moral e corporal.

Na visão Platônica, sabemos que a música e ginástica tem uma valorização profunda; isso pois já era bem valorizado na Grécia. Então digamos que Platão faz um melhor aperfeiçoamento em relação ao uso de ambas na formação do cidadão, pois, em suas obras, fica claro a intenção de melhor formar o cidadão para a sociedade ideal.

Nos diz Teixeira: “Para Platão, o ideal da educação não é formar o indivíduo por ou para si mesmo, mas formar o cidadão para a polis.” (TEIXEIRA, 2006, p. 26). Assim, poderemos entender que o importante, neste estado e para este estado ideal, era educar os cidadãos desde sua infância para uma busca da verdade, a prática do bem e a contemplação da beleza.

“Para Platão e todos os gregos, a literatura, a música e a arte tem grande influência no caráter, e seu objetivo é imprimir ritmo, harmonia e temperança à alma. Por isso deve-se preservá-la como tarefa do estado.” (FONTERRADA, 2008, p 27).

Entendemos que a principal função seria, portanto, pedagógica, visto que era ela também a responsável pela ética e estética, e isto lhe permite contribuir na construção do caráter e na moral da nação.

Para Platão, a educação é o alicerce para a cidade ideal, onde todos os cidadãos seriam educados conforme seus dons naturais; entretanto seriam a música e a ginástica os pilares fundamentais e centrais na formação do cidadão.

Sócrates – Tal será então o caráter do nosso guerreiro. Mas como educá-lo e instruí-lo? O exame dessa questão pode ajudar-nos a descobrir o objeto de todas as nossas pesquisas, isto é, como surgem a justiça e a injustiça numa cidade. (...), mas que educação lhe proporcionamos? Será possível encontrar uma melhor do que aquela que foi descoberta ao longo dos tempos? Ora, para o corpo temos a ginástica e para a alma, a música. (PLATÃO, 2000, 63-64)

Assim, Para Platão, é a música capaz de estar atingindo o mais profundo da alma do ser humano, podendo lhe causar um molde para o bem ou mal. Com o uso adequado da música, poderiam se abrandar aqueles que eram os irascíveis e afastariam seus possíveis vícios, trazendo-lhes virtudes e coragem a alma e justiça.

Na formação da cidade ideal, a educação do cidadão seria bem conservada, com pequenas ou quase que nenhuma brecha para inovações e mudanças nos métodos dessa formação.

Em sua filosofia, Platão se baseava na boa formação e educação de cada indivíduo, fazendo entender que o mesmo estaria a buscar ter um controle total sobre tudo quanto era passado aos jovens. Então isso seria um profundo restringir na formação musical e educacional do cidadão, como sendo uma forma de pesquisa científica; logo, ter-se-ia um controle sobre o produto finalizado que era o cidadão ideal para polis.

Em relação à ginástica platônica, podemos dizer que é dada pouca importância à função da mesma. Porém, não podemos encontrar um responsável por isso, mas é possível dizer que o próprio Platão, quando fala que a ginástica é para o corpo e a música para alma, estaria nos permitindo fazer um destaque maior para a música, deixando um pouco a desejar no estudo da ginástica.

4.3 A educação pela matemática e astronomia

Nas ideias educativas de Platão, a preocupação do mesmo é uma transmissão de valores, de saberes e uma educação voltada pela ética e pela cidadania, isso tudo ligado a tudo que pudesse unir justiça e ordem na pólis grega.

Podemos entender e definir Platão como um entusiasta da matemática. Isso por ter o mesmo contato direto com grandes matemáticos do seu tempo, sejam eles na condição de alunos, ou seus amigos. Assim, para a entrada na academia era um fator primordial o saber da geometria, de onde a famosa máxima “que não entre aqui quem não saiba geometria”. Isso por conta de que, em Platão, a matemática passa a ser, antes de tudo, uma chave para conhecer o universo, pois, para ele, era preciso geometrizar as coisas no universo.

Temos na filosofia a missão de ir ao descobrimento da verdade, bem como ir além da aparência e das meras opiniões alheias ao conhecimento. Porém, a matemática é um conhecimento notável, um conhecer das verdades necessárias, independente dos sentidos e experiências. O filósofo é aquele que também tem de conhecer e saber a matemática, pois “ela tem um efeito muito grande na elevação da mente compelindo-a a raciocinar sobre entidades abstratas”. Platão considera que a ciência dos números está acima de tantas outras, ao passo que esta é tida como necessária para o que conhecemos como artes profissionais e formação completa do indivíduo.

Platão nos faz entender que a ciência dos números é mais que uma ciência auxiliar, pois ela traz em si um valor que não reside apenas nas aplicações práticas. Sem a mesma, pode-se dizer que o homem não estaria completo, assim não seria totalmente homem ideal, formado e pronto para guiar a cidade. A eficácia da matemática consiste em facilitar aqueles que têm talento para ela, bem como os que possuem uma capacidade para compreender o conjunto das classes da ciência.

Perante tudo isso, tem a presença dos ditos “preguiçosos”. Porém, para com estes, quando iniciar-se os seus treinamentos, mesmo não sendo possível lhes trazer outra utilidade pela matemática, estariam a serem estimulados pela sutil agudeza do espírito. Pois para Platão, a matemática é muito “mais importante que ter dez mil olhos. ”

Teria, portanto, a ciência da matemática como objeto as realidades imóveis, idênticas e não sensíveis. Logo, poder-se-ia perguntar: estes objetos seriam ideias? Pertencem ao mundo inteligível? Para Platão, não. Pois, no livro VI da sua obra *A*

República, que é visto como um dos pontos centrais de sua obra, a resposta está na metáfora da linha, distinguindo o mundo sensível e inteligível:

Suponho que sabes que aqueles que se ocupam da geometria (geometrias), da aritmética (logismou̅s) e de coisas deste tipo (pragmateuómenoi) supõem (hypotémenoi) o par e o ímpar, as figuras, três espécies (eíde) de ângulos, e outras irmãs destas, segundo o método (méthodon) de cada uma. Essas coisas dão-nas por sabidas (eidótes) e fazendo as como hipóteses (hypothéseis), nenhuma palavra (lógon), nem a si nem aos outros consideram mais necessário prestar conta, como se fossem evidentes (phanerôn) a todos; e partindo destas e passando ao que resta, caminhando coerentemente atingem ao que tinham se proposto a alcançar (PLATÃO, 2000, P.314)

Assim, estão da mesma forma os Geômetras:

Servem-se de figuras visíveis (oroménois eidesi) e fazem raciocínios (lógous) sobre elas, pensando (dianooúmenoi) não nelas, mas naquilo com que se parecem (éoike), raciocinam com respeito ao quadrado mesmo e à diagonal mesma, mas não ao quadrado, à diagonal, ou aquela que desenham, e semelhantemente quanto às outra figuras. Estas mesmas que estão fazendo ou desenhando, das quais há sombras e imagens na água, eles usam agora como imagens, buscando ver aquilo mesmo que alguém não pode ver exceto pelo pensamento (diánoia) (PLATÃO, 2000, P.315).

Portanto, a matemática é uma ciência que está a meio caminho, entre o mundo sensível e o inteligível, análoga à ciência como a dialética ((dialeetikè méthodos), que diz respeito às ideias, destruindo as hipóteses para se chegar à verdade como de fato ela é.

Na geometria, Platão nota uma duplicidade, que é justamente seu ponto de força, isto é, a sua aproximação ao sensível, uma espécie de contaminação pelas imagens reais. Tanto que isso vai lhe permitir ser ponte, ser elo, entre o inteligível e o sensível. Logo, torna-se a matemática um terreno de mediação, um lugar que podemos entender como mediano, porém é bastante necessário que se atravesse este caminho, rumo ao mundo das ideias e na busca pelo conhecimento da verdade.

Faz-se então ecoar a máxima da academia, “Quem não é geômetra não entre!”. Assim, entendemos que é a geometria uma porta, uma conexão possível entre os dois mundos. Porém, essa conexão se expressa pelo caminho que metodologicamente é desenhado pela linha, seja das hipóteses até os princípios primários, ou pelo contrário, dos princípios até às hipóteses. É um caminho que podemos chamar de epistemologia platônica.

A ciência da matemática se entende como sendo o caminho e não a meta puramente esperada. Os seus pressupostos não são demonstrados, mas indicam um caminho que leva à plenitude das ideias.

Dando continuidade nas modalidades de ensino apresentadas por Platão, temos como um ingrediente nesta composição, a astronomia como forma de contribuição para o aperfeiçoamento da inteligência do aprendiz, dando assim ao filósofo uma qualidade bastante indispensável. Pois, nota-se que estas estariam a servir na base construtiva também de uma dialética, garantindo ao filósofo a possibilidade de uma maior visão e compreensão mediante os fenômenos com as suas devidas conexões.

Platão entendia que mediante o preparo do guerreiro, se fazia necessário o estudo e domínio da ciência, de modo especial o estudo dos números com a geometria e astronomia. Pois, mediante tais exigências de combates, quanto mais se houvesse domínio das máquinas, melhor estaria em uma ida para as possíveis batalhas.

A astronomia estaria a obrigar o estudante em uma busca de contemplação do céu, esteja ele precisamente estrelado. Assim, o mesmo estaria elevando e fazendo um profundo transportar da sua consciência perante as coisas terrenas, para com as coisas celestiais.

Platão traz a discussão da importância da astronomia, junto com as demais ciências, pois é perceptível que em seu pensamento, uma pessoa que não fosse conhecedor destes pilares importantes e insubstituíveis no processo de formação, jamais poderia chegar ao alcance da verdade, visto que tudo era com a finalidade de buscar o conhecimento do bem.

4.4 A educação pela dialética

Notamos que, no pensamento Platônico, se define a dialética como sendo uma arte de pensar, questionar e hierarquizar ideias. Contudo, o mesmo faz uso do termo dialética, no intuito de referenciar todo e qualquer método como um veículo a disposição da filosofia. Pois, no tocante ao pensamento de Platão, a dialética é um valioso instrumento que permitirá a possibilidade do alcance da verdade.

Para melhor entender a dialética, vejamos o seu conceito: dialética, do grego *dialektiké*, é o método de discurso de ideias opostas, com o objetivo de encontrar a

verdade. É uma forma de argumentação lógica, exigindo o debate para avaliação sistemática das relações entre conceitos específicos gerais.

Ainda falando da dialética, vejamos o que nos diz o próprio Platão em uma de suas obras:

A dialética é, propriamente falando, a arte de discutir. A arte do diálogo. Como, porém, não discutimos só com os outros, mas também conosco próprios, ela acaba sendo considerada o método filosófico por excelência. Entre os gregos, chamava-se ainda dialética à arte de separar, distinguir as coisas em gêneros e espécies, classificar ideias para poder discuti-las melhor (PLATÃO, 2003. P, 53).

Em sua obra *A República*, encontramos uma preocupação com a ciência, na busca do conhecimento verdadeiro no campo moral, político e cívico, tudo isso como forma de melhor estruturação da cidade e dos habitantes desta. Porém, todo trabalho realizado por Platão envolve pedagogia e política, sobretudo quando é o conhecimento o assunto central do seu pensar, pois é para ele a materialização do real. É um ato de fazer a materialização da pedagogia, através da superação do senso comum.

No método dialético platônico, o senso comum é o ponto inicial da dialética, isso não para se auto afirmar ou se reafirmar, mas para que seja possível um refutar, bem como seja possível de ser superado. Platão propõe o questionar do senso comum e da opinião, pois isso levará à descoberta da verdade. Tudo isso a partir do próprio indivíduo, sem que o mesmo venha ter uma interferência externa.

Percebes agora que entendo por segunda divisão do mundo cognoscível aquela que a razão alcança pelo poder da dialética, considerando suas hipóteses não princípios, mas simples hipóteses, isto é, pontos de apoio e trampolins para se elevar até o princípio universal que já não admite hipóteses. Atingido esse princípio, ela se apega a todas as consequências que decorrem dele, até chegar à última conclusão, sem recorrer a nenhum dado sensível, mas somente às ideias, pelas quais procede e às quais chega. (PLATÃO, 2006. P,306 b.c)

Em um sentido de hierarquia do método dialético, Platão tem o interesse e o objetivo de procurar demonstrar uma fragilidade, bem como uma falta de fundamentação e preconceitos que estão na formação do senso comum. Pois, para

ele, é fundamental que o cidadão tenha a consciência do melhor funcionamento do método.

Assim, nota-se que é possível entender a dialética admitindo algumas contradições, porém isso apenas como meio de causar uma superação. Pois, vai exigir uma vasta necessidade de reflexão, uma autocrítica e meio de questionar de toda opinião, bem como das suas origens e fundamentações.

Platão tem uma fundamental importância nas investigações das ciências do seu tempo. As suas reflexões pessoais exemplificam que a matemática é, de todas as ciências, aquela que mais se aproxima da dialética. O mesmo coloca a matemática como a melhor preparação para dialética, isso por conta do seu vigor e firmeza de investigação na busca da verdade. Podendo assim dizer que é uma profunda ajuda para a alma caminhar na busca da verdade, bem como garantir-lhe uma produção de atitudes que lhe possibilitem o melhor desenvolver da intelectualidade.

Nisto, sabemos que a matemática tem sua interpretação como validade universal das proposições, por conta de um forte rigor dedutivo, fazendo um caminho da hipótese para a conclusão. Isso é, para Platão, um modelo de ciência que o mesmo busca instituir na melhor formação do cidadão.

No Livro VII da *República*, nota-se o início de uma realidade falsa, onde alguns homens estavam em um mergulho profundo. Isto é, encontravam-se presos na caverna, com as impossibilidades de olharem para frente, chegando apenas a experimentar suas sombras na parede. Isso estava aquém daquilo que se passava lá fora da caverna projetado pelas chamas de um longínquo fogo. Assim, falsamente lhes parecia verem imagens reais, ao passo que tinha uma realidade ilusória e não como de fato ela era.

Notamos que após um deles ter sido tocado pela oportunidade de se libertar da caverna, em um passo de contato com a realidade do exterior, libertou-se, porém sofre uma desilusão com um pouco de descrença, por ter escutado que sua crença anterior não passava de uma ilusão. “Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objetos mais reais?” (Platão, 2000, P.317)

Aqui, podemos notar que Platão nos apresenta o homem com certo acomodar à ignorância, sem buscar acrescentar conhecimento e intelectualidade para seu viver. Assim, para este, é como se a vida e as coisas fossem a maneira que se vê; sem ir além, por sentir não ser necessário. Porém, quando este homem realmente cai em si, busca o bem desejado, contemplando as coisas superiores, fazendo assim um ato de se esclarecer propriamente.

Temos na República o que podemos chamar e entender como sendo a “ascensão” da dialética: isso dá-se pelo “caminho”, ou como também conhecemos “via para o alto”. Isso é o firmar do bem que aparece como sendo o descanso daquele que caminhará na busca para descobrir a verdade, fazendo assim da sua vida a subida da alma (psykhês) para o inteligível.

Este homem estaria necessitado de um tempo para acostumar-se com o novo mundo que passava a viver. Pois, para quem se acostumou a ver apenas sombras, era preciso ver o sol, pois, o que antes via pelas sombras, agora precisava ver em si mesmo, para poder entender tanto sua origem como sua atuação e os seus fenômenos causadores, como as estações etc.

Meu caro Gláucou, este quadro - prossegui eu - deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia à força do sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la. O Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a ideia do bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo [...]. (PLATÃO, 2000, p.321).

Assim nos é apresentada o que podemos chamar de “conclusão” do mito da caverna. Platão reafirma, de modo básico, a compreensão que se criou na filosofia acerca do seu pensamento. Aquilo em que estamos inseridos, não é realmente a representação daquilo que é, apresentando-se aqui uma clara contraposição entre mundo sensível e mundo das ideias. Se tornando claro para quem deseja contemplar um dia a realidade de tudo que apenas o vê como sendo “sombras”, assim é preciso sair da caverna e buscar se acostumar ao contemplar aquilo que lhe é superior, fazendo dessa passagem do sensível para o real um ato de apresentar como se vê. Poderá ser um processo um pouco doloroso, até mesmo

conturbado, porém jamais haverá qualquer facilidade em abandonar o que se tem como certo, para estar a descobrir e aceitar o novo. Platão apresenta que esse processo ou caminho só será possível através da dialética.

5 CONCLUSÃO

Neste momento de finalização deste estudo, depois de percorrido este caminho refletindo a educação em Platão, sinto que é possível chegar a conclusão de que “Platão tem presente que a educação é uma atividade da alma. A partir dessa perspectiva espiritual, a educação é troca e partilha, dar e receber.” (Teixeira 1999, p.133).

Estudar e viver a educação é um profundo ato de comunicar, é mais que um simples ensinar, pois é uma experiência de vida, que leva a viver bem. Sabendo que este ato de partilha só se faz possível de acontecer se nós a temos, pois sem ter torna-se impossível uma partilha, uma entrega e doação. Tudo na educação deve ser entendido como algo bom: é uma arte do bem para viver, para entender, para ser. Isso implica a prática das virtudes, para seja possível melhor ser explicitada e ensinada.

Neste presente trabalho, cheguei a um questionamento pessoal, tendo entendido que se faz necessário a compreensão das contribuições de Platão a respeito da educação e da formação do cidadão também nos tempos atuais. Este trabalho é de valia especial para educadores, gestores, educandos, políticos e todos que estejam a prestar serviço de ensino, bem como estejam engajados na esfera política e social, na formação de uma sociedade mais aberta ao diálogo e ao aprendizado, ao ensino e à prática das virtudes que tornam o homem mais sábio e dotado de conhecimento para guiar a cidade. Vale também por aqueles que buscam a formação cultural, que tem a educação como um valioso caminho para garantir uma maior capacitação do ser humano, dentro de uma esfera política, psicológica, espiritual, social e humana.

Ressalto ao leitor deste trabalho que o mesmo está convidado a fazer uma viagem contemplando tudo quanto foi dito a respeito da educação e política para a cidade ideal. Nesta viagem, estará livre para fazer os seus questionamentos a respeito da educação-política, quais os seus processos na formação do cidadão, a sua importância para os tempos atuais, bem como a forma que o cidadão passará a se comportar após obter as instruções para contribuir com o melhor andamento da cidade ideal, sendo ele agora um homem perfeito que habita esta cidade e contribui com sua parcela nesta formação comunitária.

Neste trabalho, buscou-se fazer um enfoque na formação do cidadão, através da educação aplicada com rigor, disciplina e política, visando o bem comum de toda a cidade, onde cada cidadão estaria a contribuir de acordo com suas capacidades, para o melhor andamento da cidade. Porém, é preciso entender que o enfoque na explicitação do tema da educação é justamente o que nos permite entender que isso nos garantirá uma diferenciação dos demais animais, visto que somos capazes de fazer uso das nossas faculdades da razão e ordens do pensamento.

Assim, como é possível que o ser humano tenha o conhecimento verdadeiro do mundo?

Através de uma profunda contemplação, com o que terá afetado o seu ser bem no mais íntimo. Assim, o mesmo vai transcender para uma contemplação do mundo das ideias, pois estará chegando a uma consciência educacional política, dando uma ênfase na justiça e no bem comum, para que assim possa realizar o exercício de uma cidadania mais justa, igualitária na ordem social da paz e do bem comum de toda a cidade.

Chegando ao fim desta pesquisa, posso dizer que uma educação política deve contemplar a razão que leva ao bem, mediante uma profunda reflexão das inúmeras realidades que são fatores fundamentais para a vida. Em uma busca contínua de obtenção da formação intelectual, bem como um desabrochar da espiritualidade de uma profunda paz interior e verdadeira sabedoria.

Fica claro, nesta pesquisa, que Platão está a herdar do seu mestre Sócrates uma pedagogia na busca de uma verdade refletida. Assim, é a educação que permeia o norte, para que seja possível um contemplar das capacidades do cidadão, buscando a cidade ideal, dentro de uma cidadania que lhe possibilite uma felicidade do ser bem espiritualizado.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia** V.5. 4ed. Trad NUNO Valadas e ANTÔNIO Ramos Rosa. Lisboa: Editora Presença, 2000.
- FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.
- MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: Editora Pedagógica e universitária 1975.
- PLATÃO. **A República**. trad. Maria Helena da Rocha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- PLATÃO. **A República: ou sobre a justiça. Gênero político**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Introd. Benedito Nunes. 3. ed. Ver. Belém: Ed. UFPA, 2000
- PLATÃO. **O Sofista**. Trad NUNES, Carlos Alberto, 2003, Versão eletrônica do livro “O Sofista”.
- PLATÃO. **A República**. 2006, Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga I: Das origens a Sócrates**. Tradução: Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. Ed Paulus: São Paulo, 2006.